

KARL JASPERS: AS BASES DA ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA PARA VIVER. UM DIÁLOGO COM KANT

KARL JASPERS: BASES OF THE SCIENTIFIC ORIENTATION TO LIVE. A DIALOGUE WITH KANT

JOSÉ MAURICIO DE CARVALHO

Instituto Presidente Tancredo de Almeida Neves - IPTAN

joosemauriciodecarvalho@gmail.com

RECIBIDO: 1 DE SEPTIEMBRE DE 2015

ACEPTADO: 20 DE NOVIEMBRE DE 2015

Resumo: Nesse trabalho examina-se, segundo Karl Jaspers, até onde a ciência pode servir como orientação para viver. O conhecimento científico não alcança o ser em si, já dizia Kant, tem limites para alcançar e prever o funcionamento do núcleo da matéria, ensina a Física contemporânea. Por outro lado, a razão também encontra limite na liberdade pessoal, o que faz as ciências humanas precisarem conviver com essa limitação. Assim, uma orientação para viver que necessita de uma imagem completa do mundo somente pode vir da Filosofia, mas isto não significa que a Ciência não faça parte deste processo e nem ofereça elementos de orientação. A Ciência oferece a base e alimenta as filosofias de cada tempo. Não há como avançar na orientação filosófica sem o conhecimento que a ciência oferece a cada geração, quando esta respeita os limites da razão para conhecer o mundo. Esta é a forma de Jaspers refazer o diálogo com o Kant e o iluminismo, apontando que há de melhor e pior no movimento.

Palavras-chave: ciência, epistemología, filosofía, orientação, metodologia

Abstract: This study exams, according to Karl Jaspers, how science can serve as an orientation to live. The scientific knowledge does not reach the being in itself, already said by Kant, it has limits to reach and preview the function of the nucleus of the matter, as taught by the contemporary Physics. On the other hand, the reason also finds a limit on the personal freedom, which makes the human sciences the need to live together with this limitation. Thus, an orientation to live that needs a complete image of the world, can only come from the Philosophy, but that does not mean that the Science is not part of this process and does not offer orientation elements. Science offers a base and feeds the philosophies of each time. There is not a way to reach on the philosophy orientation without the

knowledge which science offers to each generation, when this one respects the limits of the reason to see the world. This is the Jaspers's way to redo the dialogue with Kant and the Illuminism, showing the better and the worst on the movement.

Keywords: science, epistemology, philosophy, orientation, methodology

Considerações iniciais

A filosofia moderna ocupou-se de muitos temas, um dos mais importantes foi a ciência. Não mais a ciência dos antigos gregos, mas a chamada ciência moderna com suas características singulares. Aquela feita nos laboratórios, a ciência das observações sistemáticas e do cálculo, a ciência que nasceu experimental, e "essencialmente métrica"^{1,2}. A ciência moderna representou uma nova forma de olhar a natureza, não mais como arbítrio, mas como harmonia retratada em lei³. A Filosofia, depois do surgimento da

¹ Ao considerar a origem da ciência moderna, Joaquim de Carvalho escreveu no ensaio *O ideal moderno da ciência* a mudança que ela representou no pensamento e no conhecimento do mundo: "Desde então, e sobretudo no século XVII, que é o século do gênio, (...), o homem confiante em si próprio e na racionalidade do ser, examina o que sabe, interroga o que o cerca, e pela alegria de criar, pelo prazer de explicar, formula um sistema do universo *more geométrico*, destrói a autoridade, substituindo-a pelo bordão ao qual se apoiará nas magníficas e inauditas jornadas: o método" (p. 303) e completa logo adiante: "a ciência deixa de ser a tradição que se transmite e o universal abstrato de Aristóteles para devir o conhecimento que se adquire, e, assim como se transmuda a essência do ideal científico, transmuda-se igualmente a noção de realidade" (p. 307).

² CARVALHO, Joaquim. *O ideal moderno da ciência*, em "Obras Completas", v. V, Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1987. Págs. 295-314.

³ No quarto parágrafo de *La idea de principio en Leibniz y la evolucion de la teoria deductiva*, Ortega y Gasset trata do esforço da nova ciência de retratar o mundo em lei fazendo uma leitura exata do mundo e dos fenômenos físicos. A referência inicial é Galileu. Diz Ortega: "o modo de pensar galileano, a que Galileu tinha que ser fiel, é o que, do modo mais prodigiosamente claro, enuncia a definição da nova ciência, a qual havia de consistir em medir tudo o que se

moderna ciência, deu grande atenção ao conhecimento indutivo e matemático em que a ciência da natureza se baseava e a explicar as razões de sua ampla aceitação. Depois de algum tempo meditando sobre a Ciência, os filósofos de modo geral chegaram à quase completa confiança na capacidade da ciência moderna tratar o mundo. A *Crítica da Razão Pura* (1781), de Emmanuel Kant, é exemplo dessa confiança. Ao perguntar-se como era possível a matemática pura e a ciência da natureza, na introdução daquela *Crítica*, Kant manifesta a crença de seu tempo: a ciência é válida e se impõe por seus resultados, cabendo à Filosofia apenas dizer as razões dessa validade. Kant assim explicita essa crença: "Visto que essas ciências são realmente dadas, parece pertinente perguntar como são possíveis, pois que têm que ser possíveis é provado pela sua realidade"⁴.

À parte da outra crença kantiana, a de que a razão humana poderia levar a verdade epistemológica e servir de orientação nas ações morais se trabalhasse criticamente⁵, não altera a crença inicial do filósofo de que a ciência moderna garante o conhecimento verdadeiro contra os descaminhos da razão

pode medir e fazer que se possa medir o que não se pode medir diretamente". ORTEGA Y GASSET, José. "La idea de principio en Leibniz y la evolución de la teoría deductiva", en *Obras Completas*, v. VIII, Alianza, Madrid, 1994.

⁴ KANT, Emmanuel. *Crítica da Razão Pura*, Nova Cultura (3. ed.), São Paulo, 1987. Pág. 33.

⁵ No livro *O Espírito da Letra*, Leonel Ribeiro dos Santos cita um trecho de Kant onde esta crença se mostra: "Mas este país é uma ilha e está cercado pela natureza com fronteiras imutáveis. É o país da verdade (um estimulante nome), rodeado de um vasto e proceloso oceano, o verdadeiro lugar da ilusão, onde muito nevoeiro denso e muito gelo que logo derrete aparentam novos países" (SANTOS, Leonel Ribeiro dos Santos. *O espírito da letra, ensaios de hermenêutica da modernidade*, Imprensa Nacional, Lisboa, 2007). É um longo trecho em que se vê a confiança do filósofo na capacidade da razão crítica estabelecer as condições de chegar à verdade, completando a crença de que a ciência dá a verdade do mundo.

metafísica, à respeito da a qual Kant comenta: "No que tange à Metafísica, o seu mísero progresso até aqui e o fato de não de poder dizer, com respeito a nenhum dos sistemas até hoje expostos, que realmente exista no que concerne a seu fim essencial, dão a cada um razões para duvidar de sua possibilidade"⁶

A exacerbação dessa crença na certeza e valor do científico produziu já no final do século XIX, mas especialmente no século passado, reações. Foi então que a crença moderna no valor absoluto do conhecimento científico para apontar a verdade do mundo e a filosofia que lhe dava sustentação são questionadas⁷. É o que explica Heimsoeth:

Uma análise feita do ponto de vista da crítica do conhecimento não deixa, efetivamente, de conduzir, aqui - dentro do próprio campo das ciências exatas - a uma superação do dogmatismo científico e daí, ao mesmo tempo, a um abandono total da filosofia transcendental científicista e racionalista, como era a do naturalismo e a da sua concepção cientista de mundo⁸.

⁶ KANT, Emmanuel. *Crítica da Razão Pura*, Nova Cultura (3. ed.), São Paulo, 1987. Pág. 33.

⁷ Uma das mais interessantes críticas ao positivismo lógico e ao positivismo em geral, sustentáculo filosófico da tese de que a verdade vem com a ciência foi escrita por Delfim Pinto dos Santos com o título: *Situação Valorativa do Positivismo*. Sobre o que ali diz o filósofo português, lê-se em *Delfim Santos e o Neopositivismo*: “*Situação Valorativa do Positivismo* é um esforço, esclarece seu autor, para situar o positivismo no seu próprio lugar e valorizá-lo referentemente à esfera da realidade a que diz respeito. (...) A estratégia do autor era se conservar no âmbito da tradição epistemológica para, de dentro dela e considerando os argumentos dos próprios positivistas, apontar as contradições de um projeto intelectual que se *atinge pela clarificação dos conceitos e enunciados da ciência pela decidida eliminação da metafísica*” (SANTOS, Leonel Ribeiro dos Santos. *O espírito da letra, ensaios de hermenêutica da modernidade*, Imprensa Nacional, Lisboa, 2007. Pág. 130).

⁸ HEIMSOETH, Heinz. *A filosofia no século XX*, Saraiva, São Paulo, 1938. Pág. 20

Capítulo fundamental dessa crítica foi protagonizado por Edmund Husserl que a sistematizou em *A crise da humanidade europeia e a Filosofia*⁹. Ortega y Gasset, por sua vez, desenvolveu uma crítica contra a capacidade que a Ciência moderna tinha de orientar o homem contemporâneo, ao considerá-lo um novo bárbaro porque, limitado pelo conhecimento técnico-científico, perdera a referência geral da cultura que só o conhecimento de um ramo da ciência não pode fornecer. Essa especialização num único campo da ciência era, parece-lhe, expressão de incultura e de uma nova forma de barbárie¹⁰. Ortega não nega a eficiência da técnica e da Ciência moderna no controle do mundo, o que nenhum filósofo de peso faz. O que ele quer dizer é que além das limitações apontadas por Edmund Husserl e repetidas por outros especialistas, entre os quais muitos cientistas, o conhecimento da ciência não é suficiente para orientar o homem contemporâneo para viver uma vida plena, já que

⁹ Urbano Zilles resumiu o texto de Husserl. No que se refere à crítica da ciência moderna e à mentalidade positivista que lhe era solidária comentou Urbano Zilles: “Segundo Husserl, a objetivação da natureza, obtida por Galileu, não conduz ao ser das coisas e, assim, a objetividades ideais. A natureza idealizada passou a substituir a natureza pré-científica. A matematização da natureza violentou o ser natural. De acordo com Husserl, as ciências positivas são ingênuas. Viver consiste em comprometer-se com o mundo que nos dá a experiência através do pensar” (ZILLES, Urbano: “Introdução”, en: HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a Filosofia*, Edipucrs, Porto Alegre, 1996. Pág. 26).

¹⁰ Para conhecimento dessa crise de cultura e do significado da nova forma de barbárie leia *O século XX em El Espectador de Ortega y Gasset: a crise como desvio moral*: “as minorias mais bem educadas nos diversos campos culturais não assumiam a tarefa de dirigir a sociedade, não respondiam a tarefa de dirigir a sociedade, não respondiam aos novos desafios que a vida apresentava, cultivavam um saber muito especializado e ignoravam quase todos os outros assuntos” (CARVALHO, José Maurício de: “O século XX em El Espectador de Ortega y Gasset: a crise como desvio moral”, en *Argumentos*, 4, Fortaleza, 2010. Págs. 15).

produzia uma forma de saber limitada. Em certo sentido ficava sob suspeição a capacidade da ciência orientar o homem na existência, dúvida que não havia, por exemplo, na tradição kantiana.

A análise de Karl Jaspers sobre a ciência e seu significado para o homem de hoje desenvolve-se no contexto dessas críticas do século passado à ciência moderna, onde estão, entre outras, as observações de Ortega sobre os limites da ciência como orientação para a vida. Jaspers estuda essas críticas e as limitações que a ciência tem, mas cuida de esclarecer como ela colabora e contribui para a orientação existencial. Trata-se, parece-nos, de retomar as posições de Kant, considerando as dificuldades interpostas por sua geração.

O artigo indica como Jaspers caminha intelectualmente, de cientista e médico, na primeira fase da vida, para filósofo que procura entender o sentido da presença da ciência na vida das pessoas. As duas etapas estão claramente interconectadas, mas a ciência médica praticada por Jaspers tinha ainda muito de tradicional. Se ele soube apontar seus limites e os rumos para onde ela devia ir, isso não significa que tenha feito suas práticas. Ao contrário, pareceu-lhe suficiente indicar os limites do saber científico e indicar sua imprescindível contribuição.

Por outro lado, se seguirmos o raciocínio e as orientações de Jaspers quando examinamos as razões que alguém apresenta, poderemos contextualizá-las na história da epistemologia, tratando das justificativas, clarificando os conceitos, descobrindo inconsistências no raciocínio e falsas crenças. Por isso, além do inegável valor como capítulo da filosofia teórica, as considerações de Jaspers sobre a Ciência são importantes para o filósofo prático. Depois de explicar as posições do pensador alemão e, no final desse trabalho, vamos apontar como as lições aqui mencionadas são importantes para clarear o raciocínio e seu valor na filosofia prática.

Ciência e Crença para Karl Jaspers

Para tratar a orientação que a ciência oferece, o filósofo recupera o sentido de crença e do seu papel na existência. Ele procura mostrar que as críticas ao iluminismo e à Ciência moderna desenvolvidas no início do último século não destroem as boas crenças, a confiança na razão, por exemplo, que ela produziu, desde que compatíveis com a dimensão crítica da razão. As críticas apenas atingem as crenças que desconsideram as interdições legítimas. Nesse sentido, Jaspers considera que o homem se move em meio a crenças e defende aquelas compatíveis com a razão¹¹. Neste sentido, a ciência destrói as crenças injustificáveis, e por isso possui um papel importante na orientação. Por outro lado, se a Ciência e o movimento iluminista produzem crenças e superstições injustificáveis devido à generalizações inadequadas ou outras razões. São essas crenças supersticiosas que precisam ser superadas, como fizeram alguns filósofos no século passado. Parece a Karl Jaspers ser essencial distinguir entre crenças razoáveis e não razoáveis, para rejeitar apenas aquilo que é ruim, resguardando o que parece essencial: o sentido de orientação para a vida que a ciência pode ajudar a construir. Ele afirma no capítulo VIII da *Iniciação Filosófica*:

O falso iluminismo julga poder fundar sobre o simples entendimento todo o saber, vontade e ação, em vez de utilizar o entendimento apenas como via imprescindível para o esclarecimento daquilo que tem que

¹¹ Ortega y Gasset desenvolve essa intuição de que vivemos em meio a crenças e comenta à respeito no parágrafo 30 de *La idea de principio en Leibniz y la evolución de la teoría deductiva*: "boa parte de nossas crenças não temos sequer notícia. Atuam em nós por detrás de nossa lucidez mental, e para descobri-las não temos que buscá-las nas ideias que temos, mas entre as coisas com que contamos" (ORTEGA Y GASSET, José: "La idea de principio en Leibniz y la evolución de la teoría deductiva", en *Obras Completas*, v. VIII, Alianza, Madrid, 1994. Pág. 288).

lhe ser fornecido; absolutiza os conhecimentos sempre particulares do entendimento em vez de os aplicar sensatamente ao domínio que lhes pertence; desencaminha o indivíduo suscitando nele a pretensão de saber por si só e agir em função de seu saber (...). Não confunde os caminhos do entendimento com os conteúdos do ser humano. Estes surgem como susceptíveis de esclarecimento mediante um entendimento racional, mas insusceptível de fundamentação no próprio entendimento¹².

E a Ciência serve de orientação quando não vem acompanhada de crenças injustificáveis ou "verdades previamente fixadas além das limitações morais provenientes de critérios de humanidade que, por exemplo, se opõe a certas experiências"¹³. Portanto, a ciência que pode oferecer algo válido como orientação é aquela que não fomenta crenças que sua prática não justifica. Por outro lado, não há boa prática da razão e nem efetiva defesa da dignidade humana sem Ciência. Se essa prática se perde ou fica ameaçada "surgem os crepúsculos, os claros escuros, os sentimentos confusamente edificantes e as decisões fanáticas de voluntariosa cegueira"¹⁴. Provavelmente Jaspers, quando escreveu essas linhas, tivesse em vista os descaminhos da ciência no período nazista e a tenebrosa doutrina da justificação científica da superioridade racial que ele assistiu crescer e prosperar na Universidade nazista contra a tradição humanística da Alemanha¹⁵.

A boa prática científica, afastada de pressupostos infundados como o racismo, estabelece referências que vem do mundo moderno, no quanto ele representa a emancipação humana dos

¹²JASPERS, Karl: *Iniciação Filosófica*, Guimarães, Lisboa, 1987. Pág. 83.

¹³JASPERS, Karl: *Iniciação Filosófica*, Guimarães, Lisboa, 1987. Pág. 84.

¹⁴JASPERS, Karl: *Iniciação Filosófica*, Guimarães, Lisboa, 1987. Pág. 84.

¹⁵ Em *Homens em tempos sombrios*, Hannah Arendt comenta as posições de Jaspers na Universidade alemã, como cientista e filósofo, afirmando: "O que Jaspers então representava, quando estava totalmente isolado, não era a Alemanha, mas o que restara da humanitas na Alemanha" (ARENDR, Hannah: *Homens em tempos sombrios*. Cia das Letras, São Paulo, 2010. Pág. 85).

limites da natureza. Por outro lado, a prática da Ciência entra por caminhos tortuosos quando aponta uma verdade para o mundo, pois isso está além das conclusões que sua metodologia permite. Quando a prática da ciência não destrói a noção de infinitude do mundo, torna fecundo o exercício da razão e dá o exato tom da investigação a se levar em frente.

Importante é que a orientação que a ciência oferece não concorre, mas é parte da orientação filosófica para a vida. Afirma Jaspers: "a orientação filosófica da vida nasce da obscuridade em que cada um se encontra, do desamparo que sente quando, em carência de amor, fica o vazio do esquecimento de si"¹⁶. E não apenas essas coisas, mas o cansaço, o esquecimento de si, o trabalho sem sentido e o ócio improdutivo, tudo isso demanda orientação filosófica¹⁷. Filosofar diante desses desafios significa "decidirmo-nos a despertar em nós a origem, é reencontrarmos e agir, ajudando-nos a nós próprios com todas as forças"¹⁸.

Portanto, investigação filosófica e científica representam exercícios complementares da razão, ambas posicionando-se contra "a cega e incrítica aceitação de algo como verdade"¹⁹. Nesse sentido, parece a nosso filósofo, ambas as orientações atendem o melhor da tradição iluminista, quando exigem "um limitado empenho na busca da evidência e uma consciência crítica dos

¹⁶ JASPERS, Karl: *Iniciação Filosófica*, Guimarães, Lisboa, 1987. Pág. 110.

¹⁷ No artigo *Karl Jaspers e a orientação filosófica no mundo* aprofunda-se o problema da orientação que a Filosofia oferece à existência. Essa orientação depende da ideia de mundo e de sua unidade que vem com a meditação filosófica, pois "a unidade do mundo não se formará pela existência empírica ou pela realidade objetiva" (CARVALHO, José Mauricio de - SILVA, Márcia Maria: "Karl Jaspers e a orientação filosófica no mundo", em *Saberes Interdisciplinares*, 14, São João del-Rei, 2015. Pág. 40).

¹⁸ JASPERS, Karl: *Iniciação Filosófica*, Guimarães, Lisboa, 1987. Pág. 84.

¹⁹ JASPERS, Karl: *Iniciação Filosófica*, Guimarães, Lisboa, 1987. Pág. 84.

modos e limites de qualquer das evidências"²⁰. As duas orientações se completam e são solidárias, embora sejam criações diferentes.

A pureza do conhecimento científico

No capítulo VII da *Introdução ao pensamento filosófico*, o filósofo diferencia a verdade que é válida para todos, daquela verdade íntima que é cara a cada sujeito e é conhecida por convicção. A verdade válida para todos, diz o filósofo, é a verdade que a ciência oferece, a verdade de convicção não se estende a todos os homens. Muitas vezes na vida social vemos verdades de convicção em conflito e isso alimenta tensões na sociedade. Parece a nosso filósofo que precisamos evitar tais conflitos, pois não se pode esperar que outras pessoas partilhem de nossas convicções e as tomem por verdadeiras. Apenas nas formulações científicas se pode esperar consenso.

Conseguir separar uma coisa e outra é fundamental como orientação nas diferentes situações da vida, já que a distinção entre elas "coloca-se face a todas as questões vitais"²¹. Por isso, perceber a distância entre verdades da ciência e de convicção é fundamental já que envolve, como disse o filósofo, diversas situações da existência.

E o que assegura a pureza do conhecimento científico de modo que ele não se confunda com as variações das verdades singulares que opõem os homens entre si? Jaspers afirmará que é o fato dele não conter juízo de valor, como afirmou Max Weber. Na esteira do kantismo alemão, Max Weber pretende manter separados o conhecimento do mundo e o problema da liberdade como foi feito por Kant. Jaspers comenta o pensamento de Weber num ensaio que

²⁰ JASPERS, Karl: *Iniciação Filosófica*, Guimarães, Lisboa, 1987. Pág. 84.

²¹ JASPERS, Karl: *Introdução ao pensamento filosófico*, Cultrix (9. Ed), São Paulo, 1993. Pág. 75.

dedicou à sua contribuição. Nele afirmou (1953): "Para ele, o conhecimento isento de valores era a finalidade das ciências"²². Não vamos discutir se, de fato, Weber concretizou ou não seu projeto em sua Sociologia.

O conhecimento científico, Jaspers esclarece:

deve limitar-se ao que lhe é acessível, ou seja, ao que pode ser conhecido de maneira empírica e lógica e, portanto, capaz de impor-se a todos. A verdade da ciência não esgota a verdade, mas o caráter da verdade que lhe é própria deve ser reconhecido por todos²³.

A descrição de Jaspers deixa claro que há uma verdade mais ampla e que ultrapassa os contornos da ciência, que ela não alcança, mas que dentro dos limites da ciência a sua verdade é válida para todos. Se esse conhecimento é fundamental para orientar a relação do homem de hoje com o mundo, produzir uma vacina por exemplo, a decisão de realmente tomá-la depende de escolha que ultrapassa a verdade da ciência. Decidir quantas vacinas serão produzidas, distribuídas e aplicadas é outra decisão de caráter ético e político que ultrapassa os limites da ciência. Assim é porque quando entramos nas escolhas humanas o valor conduz a ação. As opções do homem dependem dos valores que adota. A Ciência diz o que devo esperar quando certas condições estão presentes, mas não se devo ou não fazer algo. Eis como o filósofo comenta a questão: "nenhuma ciência empírica nos ensinará o que devemos fazer; só nos ensina o que podemos obter por este ou aquele meio, se nos propomos este ou aquele fim"²⁴.

²² JASPERS, Karl: *Balance y Perspectiva; Discursos y Ensayos*, Revista de Occidente, Madrid, 1953. Pág. 5.

²³ JASPERS, Karl: *Introdução ao pensamento filosófico*, Cultrix (9. Ed), São Paulo, 1993. Pág. 77.

²⁴ JASPERS, Karl: *Introdução ao pensamento filosófico*, Cultrix (9. Ed), São Paulo, 1993. Pág. 77.

Há um aspecto que precede a existência das verdades científicas, é a disposição para aderir à verdade, uma espécie de paixão que transcende os mecanismos da ciência. Admitindo, contudo, que se deseja a Verdade, deve-se ter em conta a verdade das leis que a ciência fornece e que não dependem da vontade individual, nem é afetada por ela. Por isso, a ciência renúncia e não faz julgamentos de valor diz acompanhando Weber, pois ela "deve renunciar ao que não tem meios de atingir, isto é, a formular julgamentos"²⁵. Por outro lado, a escolha dos assuntos a pesquisar e o modo de utilizar os conhecimentos da ciência envolve outras questões além da ciência.

Saber distinguir os julgamentos de valor das leis da ciência é, portanto, um elemento fundamental na orientação da pessoa em seu trajeto existencial, pois o que ela fará diante de uma lei da ciência ou de uma verdade de convicção não é a mesma coisa. Por outro lado, ao perceber o sentido amplo de verdade e entender os mecanismos da verdade científica estabelece-se um distanciamento crítico da realidade ao mesmo tempo em que se participa da realidade histórica. Como este distanciamento afeta a vida? Distanciando-se da realidade, rompendo-se o que impede de ir além do limitado e factível, "no sentido de independência quanto à maneira em que experimento minha total dependência no ser dado a mim mesmo"²⁶. Então, vivendo na realidade aprende-se que se está em relação com coisas que não se esgotam nessa relação comigo. Assim, a orientação que a ciência oferece dialoga e integra a orientação filosófica, pois também a Filosofia vai até aí prendendo o sujeito na realidade, mas mostrando que não se pode permanecer nela. E, como dito anteriormente, a verdade filosófica depende da verdade científica para ser construída. Eis a metáfora

²⁵ JASPERS, Karl: *Introdução ao pensamento filosófico*, Cultrix (9. Ed), São Paulo, 1993. Pág. 83.

²⁶ JASPERS, Karl: *Introdução ao pensamento filosófico*, Cultrix (9. Ed), São Paulo, 1993. Pág. 84.

proposta pelo filósofo na *Iniciação Filosófica* para explicar sua posição: "Nós somos como essas borboletas e estamos perdidos se desistirmos da orientação da terra firme. Mas não nos contentamos em permanecer nela"²⁷.

A exigência do rigor da ciência que orienta

Em *Razão e Contra Razão em nosso tempo*, Karl Jaspers mostra como o conhecimento científico é importante na orientação do homem. O discurso filosófico é que é determinante pela amplitude que alcança, mas ele se baseia na plataforma comum que a ciência moderna alcançou.

No entanto, este não é um campo fácil de ser trilhado. É preciso cuidado com os dados tidos por científicos, pois mesmo quando alcançam estrondoso sucesso, como ocorreu com o marxismo e a psicanálise, tal sucesso não assegura a verdade de suas construções. A dúvida se coloca quando as afirmações ultrapassam o que a prática científica permite concluir. Assim, a correta prática científica é: "condição para qualquer verdadeira filosofia"²⁸.

Karl Jaspers mostra que apesar das contribuições que deixou para a História e a Sociologia, o pensamento de Marx tem base filosófica e se falsifica quando se afasta do que a ciência ensina. E como se afasta? Por exemplo, Marx espera criar um pensamento materialista, mas não no sentido ensinado pela Física ou pela Química. Ele faz o materialismo surgir tratando o trabalho como realidade humana fundamental, de onde "em princípio qualquer

²⁷ JASPERS, Karl: *Iniciação Filosófica*, Guimarães, Lisboa, 1987. Pág. 118.

²⁸ JASPERS, Karl: *Razão e Contra Razão em nosso tempo*, Minotauro, Lisboa, (sin fecha). Pág. 14.

outra realidade humana pode ser deduzida"²⁹. Essa conclusão não é científica, mas filosófica³⁰. E o marxismo igualmente falha quando pretende ser ciência única, ou de base, uma vez que o discurso da ciência somente vale para seu campo de atuação. Não se faz ciência da totalidade, a totalidade é o espaço da Filosofia. Em outras palavras, "a ciência não é um método universal, mas métodos especializados de acordo com cada um dos objetos definidos sobre os quais se debruça"³¹. Além disso, Marx admite a violência na implantação da sociedade que pretende, indo, também por essa conclusão, além do discurso científico. Justo porque "reúne em si a ciência, a fé e a política, Marx representa uma fatalidade espiritual; e em seu próprio nome, reduz a ciência a zero"³². Neste sentido, o marxismo não é propriamente científico, mas uma articulação da crença na ciência para ela realizar mais do que pode, consistindo nisso uma forma de superstição que nasce a volta da ciência³³. É o

²⁹ JASPERS, Karl: *Razão e Contra Razão em nosso tempo*, Minotauro, Lisboa, (sin fecha). Pág. 20.

³⁰ No livro *Filosofia e Psicologia, o pensamento fenomenológico existencial de Karl Jaspers*, entende-se que "essa é a principal crítica que Jaspers dirige à psicanálise, cujos representantes mais ilustres tentam explicar outros aspectos da realidade pela energia psicológica" (JASPERS, Karl: *Filosofia e Psicologia; o pensamento fenomenológico existencial de Karl Jaspers*, Imprensa Nacional, Lisboa, 2006. Pág. 245).

³¹ JASPERS, Karl: *Razão e Contra Razão em nosso tempo*, Minotauro, Lisboa, (sin fecha). Pág. 22.

³² JASPERS, Karl: *Razão e Contra Razão em nosso tempo*, Minotauro, Lisboa, (sin fecha). Pág. 24.

³³ No capítulo VIII da *Introdução ao pensamento filosófico*, Karl Jaspers resume as razões pelas quais a Psicanálise e o Marxismo perdem a capacidade de orientar como deve fazer uma teoria científica. Elas fazem isso quando: 1. Pretendem fundamentar o próprio saber, já que "nem a Psicologia, nem a Sociologia dispõe de fundamento científico próprio" (JASPERS, Karl: *Introdução ao pensamento filosófico*, Cultrix (9. Ed), São Paulo, 1993. Pág. 91); 2. Quando se apresentam como ciência universal, isto é, "nada existe que não apresente ângulo de estudo em que elas não tenham interesse" (JASPERS, Karl: *Introdução ao pensamento filosófico*, Cultrix (9. Ed), São Paulo, 1993. Pág. 91);

que o filósofo denomina, no capítulo VIII da *Iniciação Filosófica*, de falso iluminismo, resultado do uso acrítico da razão³⁴. Trata-se de uma forma de abordagem que não entende os limites presentes na orientação que a ciência pode fornecer.

A psicanálise comete equívocos semelhantes quando confunde a compreensão dos fenômenos psíquicos com sua explicação. Ao fazê-lo desconsidera que o sujeito é capaz de ações livres e nem tudo se explica por pulsões inconscientes. Jaspers aponta o que considera erros da técnica psicanalítica, sem negar sua contribuição no esclarecimento do psiquismo humano. Rejeita o dogmatismo freudiano, que se revela no afastamento dos discípulos que discordam de Freud. Afastar quem não concorda com uma construção científica é atitude incompatível com a ciência moderna que se desenvolveu sem a figura da autoridade. A consolidação de semelhante conduta "poderia desembocar no sectarismo e, por consequência, em inimizade ou em hostilidade científica, na inumanidade e na contra-razão"³⁵. Mesmo tendo amplo

3. a Psicologia perde a força científica quando pretende "ocupar-se do mesmo de que se ocupa a Filosofia que esclarece indagando" (JASPERS, Karl: *Introdução ao pensamento filosófico*, Cultrix (9. Ed), São Paulo, 1993. Pág. 91); 4. Quando "as hipóteses da psicanálise se metamorfoseiam em conhecimento do ser, em uma ontologia, em psiquização do mundo" (JASPERS, Karl: *Introdução ao pensamento filosófico*, Cultrix (9. Ed), São Paulo, 1993. Pág. 91), pois quando Psicologia e Sociologia entram no terreno da ontologia "degeneram em ciências totalitárias, manifestam-se estranhos fenômenos entre seus adeptos" (JASPERS, Karl: *Introdução ao pensamento filosófico*, Cultrix (9. Ed), São Paulo, 1993. Pág. 92).

³⁴ Jaspers explica no capítulo VIII da *Iniciação Filosófica* que: "o falso iluminismo julga poder fundar sobre o simples entendimento todo o saber, vontade e ação, em vez de utilizar o entendimento apenas como via imprescindível para o esclarecimento daquilo que tem que lhe ser fornecido, absolutiza os conhecimentos sempre particulares do entendimento em vez de os aplicar sensatamente ao domínio que lhes pertence" (JASPERS, Karl: *Iniciação Filosófica*, Guimarães, Lisboa, 1987. Pág. 82).

³⁵ JASPERS, Karl: *Iniciação Filosófica*, Guimarães, Lisboa, 1987. Pág. 32-33.

conhecimento da psiquiatria que se praticava no seu tempo e incorporando parte dela na sua *Psicopatologia Geral*, os escritos posteriores apontam no sentido de uma psicologia fenomenológica bastante diferente da que era praticada no seu tempo. Jaspers afirma na *Psicopatologia Geral* que: "quando falamos na totalidade do ser humano, trata-se de algo infinito, que não se pode conhecer como totalidade"³⁶. Assim, se ele não se dedicou a construir uma alternativa completa para a psicologia do seu tempo foi porque decidiu enfrentar os problemas relativos à epistemologia da ciência e seu papel na vida do homem como filósofo. De fato Jaspers deixou a Faculdade de Medicina, dedicando-se à carreira filosófica nos últimos anos de vida. Contudo, tinha consciência do caminho que a Medicina precisava trilhar e do quanto ela precisava mudar para ser coerente com os princípios epistemológicos que elaborou. E o que há de essencial nessa mudança? A prática clínica só se compreende numa relação de absoluto respeito e cuidado humano. Ele diz em um escrito elaborado mais próximo do fim da vida: *O médico na era da técnica*. No texto fica claro como deve ser a relação médico-paciente: "O mais elevado que, aqui e ali, lhe acontece é tornar-se companheiro de destino do doente, razão com razão, homem como homem, nos incontáveis casos-limites de uma amizade que nasce entre médico e doente"³⁷. Para seguir nessa direção parece-lhe necessário ter consciência dos limites presentes no conhecimento científico, no caso da Psicologia humana pelo enfrentamento da liberdade.

A crítica que o filósofo elabora em *Razão e Contra-Razão no nosso tempo* explica até onde a Ciência pode ajudar quando compreende seus limites. Esse aspecto parece fundamental para não "renegar a ciência moderna autêntica em nome da pretensa

³⁶ JASPERS, Karl: *Psicopatologia Geral*, Atheneu, Rio de Janeiro, 1979. Pág. 44.

³⁷ JASPERS, Karl: *O médico na era da técnica*, Edições 70, Lisboa, 1998. Pág. 17.

ciência"³⁸. Toda vez que se vai além do que a Ciência consegue oferecer acaba-se mergulhando numa teoria metafísica, com ou sem consciência disso. Toda tentativa, feita no espaço da Ciência, de propor uma afirmação definitiva sobre o mundo ou um saber total, baseia-se no equívoco de tratar o saber científico como filosófico. Em outras palavras, para uma descrição metódica da natureza "impõe-se uma metodologia consciente. Mas, quando se trata de apreender a verdade a ciência não é tudo"³⁹. Portanto, para se valer da orientação que a ciência pode oferecer é preciso saber o que ela pode e o que ela não pode oferecer⁴⁰.

³⁸ JASPERS, Karl: *Razão e Contra Razão em nosso tempo*, Minotauro, Lisboa, (sin fecha). Pág. 46.

³⁹ JASPERS, Karl: *Razão e Contra Razão em nosso tempo*, Minotauro, Lisboa, (sin fecha). Pág. 51.

⁴⁰ No livro *Homens em tempos sombrios*, Hannah Arendt comenta o pensamento de Jaspers e menciona um aspecto da orientação que a ciência fornece, associando-a à dimensão filosófica da comunicação. Essa orientação aproxima os homens de modo a que a história mundial pode ser pensada como realidade de todos os homens, embora explique que o desenvolvimento da ciência e a atual unidade que ela fornece dependeu da profundidade da razão filosófica que a sustenta e dos valores desenvolvidos no que o filósofo denomina período axial da história (800-200 a. C.). Explica Arendt: "Se se destruísse a dimensão de profundidade a partir da qual se desenvolveram a ciência e a tecnologia modernas, o mais provável é que a nova unidade da humanidade não conseguiria sobreviver sequer tecnicamente" (ARENDDT, Hannah: *Homens em tempos sombrios*. Cia das Letras, São Paulo, 2010. Págs. 97). E mais adiante completa: "Jaspers descobriu um eixo histórico empiricamente dado que oferece a todas as nações um arcabouço comum de autocompreensão histórica. O eixo da história mundial parece passar pelo século V a. C., em meio ao processo espiritual entre 800 e 200 a. C." (ARENDDT, Hannah: *Homens em tempos sombrios*. Cia das Letras, São Paulo, 2010. Págs. 97-98).

Aprofundando os limites da orientação que vem da ciência

O principal dos estudos sobre o que a Ciência não pode fornecer, encontra-se no item *El sentido da ciência*, no segundo capítulo do primeiro livro de *Filosofia*, uma das obras mais importantes do filósofo⁴¹.

Pelo que afirma naquela obra, para compreender a orientação que vem da ciência, deve-se partir do significado da própria Ciência. Esse significado não se encontra nela mesma, embora enquanto saber sobre o mundo não haja dúvida sobre os resultados que a Ciência fornece. O significado da Ciência se revela na Filosofia, comenta o filósofo: "A Ciência alcança só até onde vai o saber impositivo, porém o tempo é mais. Averiguar este mais não conduz a demonstrações, senão apela e requer apreender o sentido da Ciência"⁴².

E porque a Ciência não encontra o seu sentido? Por que ela não se pergunta por ele. Ao cientista não parece necessário perguntar-se pelo sentido do que faz, pois ao observar um fenômeno, ao descrevê-lo em seu laboratório, o sentido parece surgir naturalmente dos resultados que alcança. E os resultados parecem seguros até a Filosofia questioná-los e aos limites auto-impostos com os quais trabalha a Ciência. O sentido que o cientista tem por evidente se limita à atuação de sua ciência particular e não à unidade que ela proporciona. Porém, sem pensar na unidade que nasce do saber das ciências "o sentido é relativo respeito aos pontos de vista individuais e técnicos"⁴³. Embora todas as ciências

⁴¹ Os livros mais importantes de Jaspers são: *Filosofia* (Porto Rico: Edição da Universidade, 1958), *Psicologia de las concepciones del mundo* (Madrid: Gredos, 1967) e *Psicopatologia Geral* (Rio de Janeiro: Atheneo, 1979).

⁴² JASPERS, Karl: *Filosofia*. Universidade de Porto Rico, Porto Rico, 1958. Pág. 151.

⁴³ JASPERS, Karl: *Filosofia*. Universidade de Porto Rico, Porto Rico, 1958. Pág. 152.

trabalhem com o pensamento lógico, e nele estejam baseadas, também a lógica não confere unidade as ciências. E estando seu sentido limitado ao espaço das ciências particulares, a orientação que as ciências podem fornecer é empírica e restrita ao campo a que se dedicam⁴⁴. No entanto, esse sentido serve pouco de orientação para viver, pois orientação para viver é a maneira como se deve portar no mundo de modo geral.

Embora delimitada ao campo epistemológico de seu objeto e sem se perguntar pela validade do que se está construindo, o cientista não raras vezes tira conclusões além do que sugerem seus estudos. Quando assim procede, ele deixa seu campo de trabalho para fazer Filosofia e a experiência mostra que surge então uma metafísica ruim. Explica o filósofo as razões de ser assim: "A absolutização de um método limitado e singular comete uma

⁴⁴ Uma das análises mais criativas sobre os problemas decorrentes da especialização que vem da ciência foi elaborada pelo filósofo espanhol Ortega y Gasset, como foi dito no início deste trabalho. No seu livro famoso *La Rebelión de las masas* ele explica que : "O homem da ciência atual é o protótipo do homem massa. E não por casualidade, nem por um defeito unipessoal de cada homem da ciência, senão por que a ciência mesma - raiz da civilização - o converte automaticamente em homem massa, que dizer, faz dele um primitivo, um bárbaro moderno" (ORTEGA Y GASSET, José: "La rebelión de las masas". *En Obras Completas*, v. IV, Alianza, Madrid, 1994.Pág. 216). E por que faz? Porque seu saber se limita ao objeto de sua ciência, mas ele ignora todo o resto, inclusive o conhecimento das outras ciências. E como se disse no capítulo: *Totalitarismo e ética em Ortega y Gasset* no livro *Poder e moralidade; o totalitarismo e outras experiências antiliberais na modernidade*: "em todos os assuntos que solenemente ignora espera opinar e impor sua posição como se de tudo fosse profundo conhecedor" (CARVALHO, José Maurício de (org): *Poder e moralidade; o totalitarismo e outras experiências antiliberais na modernidade*. Annablume, São Paulo, 2012.Pág. 121). Para Ortega, a especialização da ciência seria superada com a síntese filosófica e a formação de um pensamento culto. Para Jaspers, o que a Filosofia fornece é a consciência das limitações da ciência singular e mesmo da síntese filosófica no convívio da consciência com o transcendente (ou englobante).

usurpação, pois com ela está enlaçada, tácita e sem crítica, uma ingênua metafísica que pretende saber do verdadeiro ser"⁴⁵.

Portanto, a orientação que a Ciência fornece não pode vir isolada do sentido metafísico dessa orientação, precisa ser parte de um conhecimento amplo que o corte epistemológico da ciência não permite fazer. Só a Filosofia é capaz de ir além do que cada Ciência estuda singularmente. No entanto, para servir de base num conhecimento geral que sirva de orientação no mundo, a Filosofia não pode prescindir dos conhecimentos que as ciências fornecem como saber sobre o mundo. Não é mais possível oferecer uma compreensão geral sobre o todo sem o saber particular que as ciências fornecem. E a razão é que esse todo, como imagem do mundo, não encontra sustentação em nosso tempo no puro exercício da razão metafísica. Esta pretensão acabou-se com Kant. Diz Jaspers: "Já não há uma totalidade onde o todo encontre seu lugar: nem o todo ontológico da escolástica, nem o todo absolutizado das categorias e métodos mecanicistas, organicistas e outras peculiaridades, nem tampouco o todo dialético de Hegel"⁴⁶.

Estamos, portanto, diante de um saber limitado que somente vale nas limitações de um campo epistemológico, o reconhecimento de algo que ultrapassa esse saber limitado e a impossibilidade de chegar a um todo metafísico que fundamenta os saberes parciais. Neste sentido, na Filosofia vamos adiante do conhecimento que a Ciência oferece, mas sem atingir um princípio fundante capaz de unificar toda realidade. Para Jaspers, o desafio é conviver com a transcendência sem desconhecer os limites da razão. Neste contexto, a Ciência orienta no saber do mundo e a Filosofia prepara a convivência com tudo o que a ultrapassa.

⁴⁵ JASPERS, Karl: *Filosofia*. Universidade de Porto Rico, Porto Rico, 1958. Pág. 153.

⁴⁶ JASPERS, Karl: *Filosofia*. Universidade de Porto Rico, Porto Rico, 1958. Pág. 155.

O exercício da Ciência e a compreensão de seus limites abre espaço para o pensar metafísico e também para a satisfação prática menos exigente que a Ciência fornece. Um saber sobre algo da realidade só se satisfaz quando aplicado como orientação. A satisfação que nasce da prática da Ciência decorre da inseparabilidade vital entre conhecer e atuar. A prática científica permite a satisfação de tratar profundamente a realidade. Contudo, essa satisfação se torna problemática quando pretende afirmar uma verdade mais profunda do que a Ciência tem meios de alcançar. Portanto, a satisfação prática não pode confundir o saber do objeto delimitado pela Ciência com aquele fundo de onde ele emerge. E tanto mais legítima é a satisfação quanto mais se aprofunda a objetividade científica possível, sem abandonar a tensão da profundidade que está além da que a Ciência alcança.

A satisfação que brota da prática da ciência vem da profundidade que ela pode alcançar. Ela fornece uma verdade objetiva no tempo, um conhecimento que pode ser compartilhado de forma segura e que ninguém pode recusar, mas esse conhecimento específico sobre o funcionamento do mundo não é a verdade fundamental sobre a unidade do mundo. A tentação é grande de querer ficar no positivo que por si se impõe. A Ciência deixa o espaço da subjetividade e das convicções pessoais e se articula num campo de fatos compartilhados, seguros e comprovados pela existência empírica. O risco de ir além e concluir o que não se pode é o que o filósofo explica como se segue:

A satisfação que produz o convincente e impositivo por virtude da objetividade segura conduziu a mal entendidos: a confundir a verdade em geral com a exatidão impositiva, e com ele, a tendência de reduzir toda a satisfação do saber ao reconhecimento do impositivo⁴⁷.

⁴⁷ JASPERS, Karl: *Filosofia*. Universidade de Porto Rico, Porto Rico, 1958. Pág. 160.

O conhecimento do mundo que a Ciência oferece não dá a impressão de descrever perfeitamente a totalidade do real? Em outras palavras, as teorias físicas sobre a natureza não parecem esgotar o seu significado e oferecer uma palavra definitiva sobre o que existe? A ideia de unidade que a Ciência oferece não remete à unidade mesma da realidade? Construir uma teoria aceita e válida sobre o mundo não oferece satisfação ao cientista? Partindo da última questão pode-se dizer que com certeza o cientista ficará satisfeito, certamente a unidade que a teoria fornece não é apenas formal, ela ajusta o contato com a infinitude das observações. Contudo, entende Jaspers, acompanhando Kant, que "a unidade da respectiva ideia não existe como existindo ou impondo-se objetivamente, mas como unidade procurada"⁴⁸.

O conhecimento do mundo que o cientista obtém só é válido e universal quando fica nos contornos metodológicos nos quais a Ciência trabalha. Quando vai além deles se transforma num empirismo dogmático. A dificuldade que enfrenta é que a certeza possível de ser obtida com a sensibilidade parece tão forte que ela se generaliza não só entre especialistas, mas entre a população em geral. Jaspers observa que esse empirismo popular não deixa de ser uma forma do dogmatismo quando se alimenta "da fortificação da ciência positiva em uma autoridade inconcebível e asfixiante"⁴⁹. Esse empirismo que se alegra com os fatos é nomeado por Jaspers de teoria da satisfação contemplativa. Trata-se, em outras palavras, "de um esquema tradicional, de reduzir o mundo a um mesquinho agregado de sinais e signos de realidades utilizáveis"⁵⁰. É um risco permanente que o filósofo deve saber enfrentar.

⁴⁸ JASPERS, Karl: *Filosofia*. Universidade de Porto Rico, Porto Rico, 1958. Pág. 161.

⁴⁹ JASPERS, Karl: *Filosofia*. Universidade de Porto Rico, Porto Rico, 1958. Pág. 163.

⁵⁰ JASPERS, Karl: *Filosofia*. Universidade de Porto Rico, Porto Rico, 1958. Pág.

Superando preconceitos no caminho para a Verdade

Para conviver com os limites da ciência e do conhecimento que ela fornece é preciso superar críticas e preconceitos que falseiam o caminho até a Verdade. A primeira é julgar que a Ciência tenha algo a dizer sobre a totalidade. Ela não tem, mas não quer dizer que não seja importante por causa disso. Se se quer tratar da verdade fundamental usando unicamente os dados positivos não se vai muito longe, pois o saber que as ciências oferecem não é incondicionado. Insistir nesse caminho leva ao ceticismo ou ao niilismo epistemológico. Porém, não se pode perder vista que o saber positivo, como dito até aqui, é etapa necessária na construção da verdade fundamental. Como lembra Paula Arizpe: "o sujeito, enquanto consciência empírica se encontra ante um mundo de objetos mediante os quais pode satisfazer suas necessidades básicas"⁵¹. A verdade científica não serve como orientação fundamental para a vida e não pode se tornar a Verdade sobre a totalidade estudada pela Filosofia, mas, lembra o filósofo, é parte importante na edificação dela. Assim é porque ajuda não só a enfrentar os problemas imediatos do mundo, mas a conceptualizar o mundo que se objetiva na consciência.

Outra crítica que muitas vezes se ouve é a de que a procura pelo conhecimento tira a alegria e a esperança numa vida boa e tranquila. Essa crítica tem por pressuposto que assim como o indivíduo desenvolve crenças válidas para ele e com elas torna suportável a vida, o próprio conhecimento humano em geral não consegue superar essa limitação. Em outras palavras, a Ciência serve para destruir crenças que nos mantém firmes na existência. Para Jaspers, essa crítica nasce de um preconceito, uma visão incorreta da ciência e da verdade que ela pode oferecer. Somente

162.

⁵¹ ARIZPE, Paula: "La verdad comunicativa como reto creativo en Karl Jaspers", en *Tópicos*, 16, México, Universidad Panamericana, 1999. Págs. 149.

quando inadequada e inadvertidamente se entende que a Ciência é um saber definitivo e total, de valor absoluto, é que se chega a tal conclusão. Porém, como já foi dito o saber positivo nunca deixa de ser particular e relativo, ele "não pode dar, por exemplo, um prognóstico absolutamente seguro"⁵². Não só as teorias científicas contém elementos de imprecisão, o que é tanto mais verdade quanto mais migramos do campo da Física para a Biologia, por exemplo. É importante notar que muitas teorias científicas que já foram consideradas verdades intocadas em certo tempo, com o passar dos anos foram substituídas. Afirma o filósofo: "O saber mesmo está sempre em movimento e, em lugar de permanecer defasada, sempre se põe em questão a si mesma" (p. 166). E completa logo adiante: "Porém, assim o saber pode destruir, pode também levar a existência a sua profundidade, a levá-la a sua verdadeira transcendência"⁵³. Se há alguma comodidade ou aparente felicidade que pode ser destruída pelo saber consciente de seus limites, então esse saber é falso e questionável, conclui o filósofo. A prática correta da ciência não destrói a felicidade e nem as crenças fundamentais que nos mantém na existência.

A terceira crítica a se superar é a de que o conhecimento das realidades vitais empobrece a vida mesma já que não responde a tudo. Essa crítica, para Jaspers, também não tem sentido, pois a desilusão com alguns resultados não invalida a procura ampla pelo conhecimento. Quando o conhecimento se busca por uma vontade incondicionada não é preciso justificá-lo. A admiração pelas coisas dirige a razão até o mundo. A busca da verdade não resulta da exatidão, por outro lado, o conhecimento positivo ainda que incompleto e sempre perfectível é condição para propor uma

⁵² JASPERS, Karl: *Filosofia*. Universidade de Porto Rico, Porto Rico, 1958. Pág. 165.

⁵³ JASPERS, Karl: *Filosofia*. Universidade de Porto Rico, Porto Rico, 1958. Pág. 165.

verdade maior e mais ampla que possa servir de guia à existência. Esclarece o filósofo:

É da verdade, na qual eu, como existência, me sustento e caio, que o impositivo da ciência pode receber seu *pathos* derivado (...). A importância existencial da orientação intramundana é que com ela termina o saber, e ante o abismo do nada, a existência se transforma em possibilidade de transcender. O saber não dá uma satisfação última, porém é o caminho pelo qual a existência pode chegar a ser si mesma"⁵⁴

É preciso superar essas críticas entorno à verdade da ciência para que dela se possa obter todo o proveio que só a Ciência pode oferecer. Não se pode pedir mais nem se deve pedir menos da Ciência, mas o que ela pode oferecer. E o que ela pode oferecer não é pouco.

Para ir além do positivo

Ao tratar a realidade positiva e o conhecimento da matéria não se pode evitar querer ir além do conhecimento alcançado. Nenhuma surpresa nessa atitude, todo saber quer mais, quer ir além de onde conseguiu chegar. É esse propósito que promove o contínuo desenvolvimento da ciência, o intento de querer ir mais longe de onde já se chegou. Contudo, por mais que se avance no conhecimento da realidade material, fica sempre um resto que não pode ser alcançado pela Ciência. Para uma orientação geral é preciso de juízos que tratem da unidade do real, mas isto não é possível com o conhecimento que a Ciência oferece. Não há como tomar por objeto a totalidade do mundo já que essa totalidade é

⁵⁴ JASPERS, Karl: *Filosofia*. Universidade de Porto Rico, Porto Rico, 1958. Pág. 168.

inobjetivável, isto é, não se mostra inteira como objeto para a consciência. Para aprofundar a questão seria necessário examinar o conceito de englobante, eixo central da metafísica de Jaspers, o que não temos como aprofundar aqui. Uma ideia rápida do que significa isso que não pode ser objetivado, mas é a raiz de onde tudo provém, pode ser obtida com a leitura do capítulo inicial de *Filosofia de la existencia*. Ali o filósofo explica: "O ser aparece para nós sem se fechar, nos arrasta por todos os lados até o ilimitado. E, não obstante, cai sempre como um ser determinado que nos vem ao encontro"⁵⁵. E é justo por isso que "o englobante é o que sempre se anuncia nos objetos presentes no horizonte, porém nunca se torna objeto"⁵⁶. O capítulo III da *Iniciación Filosófica* também contém boa síntese do que o autor entende por englobante. Ali afirma: "Se concebermos o englobante em termos de interpretação filosófica, reincidimos na objetivação daquilo que, por essência, não é objeto"⁵⁷.

Mesmo quando se toma o mundo material como algo que me envolvente completamente, ainda que ele pareça completo e perfeito nessa condição, a forma como ele se mostra somente pode existir numa consciência, que, por sua vez, é ela própria um mundo. Jaspers revela, ao pensar assim, situar-se no espaço da fenomenologia. Temos então, no caso, dois mundos: um que se reconhece dentro e um outro que o envolve. E assim, sempre que me aproximo da totalidade, sempre que a comparo com outras percepções da totalidade, sempre chego a uma que se mostra entre outras possibilidades e outros mundos, já que o mundo mesmo não está fechado segundo explica o filósofo:

O mundo está aberto, enquanto que nós como seres cognoscentes, jamais o penetramos. A relatividade do saber imposto, a

⁵⁵ JASPERS, Karl: *Filosofia de la Existencia*, Aguillar, Madrid, 1961. Pág. 44

⁵⁶ JASPERS, Karl: *Filosofia de la Existencia*, Aguillar, Madrid, 1961. Pág. 44

⁵⁷ JASPERS, Karl: *Iniciación Filosófica*, Guimarães, Lisboa, 1987. Pág. 34.

insuperabilidade da infinitude, a acessibilidade da unidade na imagem do mundo, o atestam. Os limites da ação teleológica no mundo o deixam experimentar na prática⁵⁸.

As dificuldades elencadas na busca de um saber sobre o mundo que possa orientar o caminho existencial de cada homem não constituem um obstáculo quando o pesquisador caminha para chegar aos limites do que pode. Se desejar ir além mergulhará no desânimo e fracasso, mas o espaço que há para progredir é enorme e a pesquisa tem possibilidades praticamente infinitas. E ao proceder assim a humanidade pode caminhar na construção do saber irrecusável, que é uma grande tarefa.

Para o filósofo, o limite da razão tem dupla face, de um lado o que a Física quântica e a Física da relatividade começaram a mostrar sobre a impossibilidade de prever com exatidão os movimentos da matéria⁵⁹, de outro o limite positivo que está na experiência da liberdade pessoal. Chegamos aqui ao possível:

As ciências naturais tratam de capturar o impenetrável em leis e teorias; as ciências do espírito constroem as obras e as manifestações

⁵⁸ JASPERS, Karl: *Filosofia*. Universidade de Porto Rico, Porto Rico, 1958. Pág. 169.

⁵⁹ No artigo *Os estudos de Schlick sobre a realidade; uma análise do problemas dos universais*, mostra-se as dificuldades de prever o movimento atômico e os problemas associados à mensuração desse fenômeno. Além disso, o artigo mostra de que modo é possível "verificar o sentido empírico de uma afirmação quando seu significado se refere à existência do mundo" (CARVALHO, José Mauricio de: "Os estudos de Schlick sobre a realidade; uma análise do problemas dos universais", em *Phibra*, 1, Juiz de Fora, 1986. Págs. 36). Encontra-se, Schlick, com as dificuldades do chamado *Círculo de Viena* que começam nas dificuldades de observar e prever o movimento atômico e de construir proposições válidas sobre o mundo. Vivendo neste momento e em contato com os físicos alemães, Jaspers interpreta as dificuldades que testemunhava conforme sua formação kantiana e fenomenológica, desviando-se das posições dos positivistas lógicos, mas preservando o que de Kant havia no tratamento do empírico.

da liberdade, atualizando mais conscientemente suas leis e sua significação normativa. Porém o limite absoluto é, para as ciências naturais, o obscuro e absolutamente outro; para as ciências do espírito, a liberdade da existência como origem da comunicação⁶⁰.

Estamos diante de um roteiro para o desenvolvimento da ciência. Permanecer no espaço crítico das limitações da consciência, segundo a tradição iniciada por Kant, abandonar a tentativa de construir sobre o mundo uma referência para a qual a razão não é suficiente. Contudo, se o homem se mantém aberto ao englobante, supera os limites que marcam sua existência. Ele o explica em *Psicologia de las concepciones del mundo*: "O homem existente no englobante, por tendência, está excluído das situações limites"⁶¹. Estas ficam substituídas para ele pela imagem fixada do mundo e dos valores"⁶².

⁶⁰ JASPERS, Karl: *Filosofia*. Universidade de Porto Rico, Porto Rico, 1958. Pág. 170.

⁶¹ Situação-limite é um conceito caro a Jaspers. Ele denomina Situação-limite àquelas realidades que nos acompanham como homens e das quais não conseguimos escapar. Elas podem tomar formas ligeiramente diferentes, mas permanecem essencialmente as mesmas para todos: o sofrimento, a morte, a necessidade do esforço, a culpa. São realidades com as quais estamos sempre em contato. O filósofo diz no segundo capítulo da *Iniciação Filosófica* que Situação-limite: "são situações fundamentais de nossa existência (...). Quer isto dizer que são situações que não podemos transpor nem alterar" (JASPERS, Karl: *Iniciação Filosófica*, Guimarães, Lisboa, 1987. Pág. 19) E as enumera: "tenho que morrer, tenho que sofrer, tenho que lutar, estou sujeito ao acaso e incorro inelutavelmente em culpa" (JASPERS, Karl: *Iniciação Filosófica*, Guimarães, Lisboa, 1987. Pág. 19).

⁶² JASPERS, Karl: *Psicologia de las concepciones del mundo*, Gredos, Madrid, 1967. Pág. 398

Considerações finais

Karl Jaspers considera a existência humana como um modo de estar no mundo. Este modo significa mais que sentir e perceber o mundo, representa descobrir nas experiências que se faz as razões para viver e atuar. É assim que cada homem constrói um caminho existencial singular como singularidade, descobrindo suas razões para viver. E por que o homem tem que construir um caminho só seu é que a lição de Jaspers aqui resumida permite aproximação com a filosofia prática, pois ela propicia enfrentar dores e dificuldades existenciais que surgem na existência. Ao orientar para superar o que não se compreende bem, essa lição de Jaspers ajuda a pessoa a consolidar posições e fazer escolhas. As implicações teóricas da trajetória existencial tomada como abertura foi examinada por Paula Arizpe no artigo *La verdad comunicativa como reto creativo en Karl Jaspers*. Ali ela explica:

Jaspers pretende guiar o homem, enquanto existência possível até as profundidades da comunicação existencial onde a verdade toma a forma de crença na abertura. Esta abertura consiste em um conhecimento por presença em profundidade (não na superfície) que inclui a distância da reflexão e a imediatez da intuição conjuntamente. A abertura é a única categoria que pode albergar a aspiração humana do conhecimento criativo, que é tão ampla como a liberdade. A verdade humana é a crença no que não somos porém podemos ser, uma crença no que não temos feito porém devemos fazer. A liberdade é uma aventura por realizar e que só pode conquistar-se mediante uma luta cotidiana por existir⁶³.

Na condução desse processo há o desafio de formar uma imagem do mundo que oriente o querer, a atuação e as escolhas. Para tanto o uso prático da reflexão é estratégia fundamental. Nosso trabalho

⁶³ ARIZPE, Paula: “La verdad comunicativa como reto creativo en Karl Jaspers”, en *Tópicos*, 16, México, Universidad Panamericana, 1999. Págs. 150.

ficou nas orientações fornecidas pelo filósofo e não tratou propriamente do processo de abertura existencial tema do artigo de Paula Arizpe. Entretanto, em razão do modo como evolui o pensamento de Jaspers, da prática da ciência para a investigar seu significado, mostramos que a orientação da ciência é parte de um processo maior de reflexão, justamente o tema de Paula Arizpe no artigo mencionado. A orientação fornecida pela ciência, da forma como Jaspers a propõe, tem implicações importantes num consultório de filosofia prática, pois ajudará o cliente a corrigir erros de raciocínio, reconhecer crenças injustificadas e superar posições dogmáticas,

O caminho que o saber sobre o mundo percorre tem um limite intransponível cuja raiz pode ser vislumbrada nas tematizações de Emmanuel Kant, agora reconstruídas com os resultados da ciência dos dias que viveu nosso filósofo⁶⁴. Ao referir-se a Kant, Jaspers abre uma linha de atuação para o filósofo prático que pode orientar o consulente a organizar arquetonicamente os problemas que encontra em sua trajetória existencial, apresentando-os claramente

⁶⁴ No livro *A problemática do culturalismo*, Antônio Paim mostra que no final do século XIX e início do século XX a universidade alemã cuidou de: "fixar a singularidade das ciências da cultura e da história. Na década de noventa as figuras catalizadoras são Wilhelm Windelband (1848-1915) e Heinrich Rickert (1863-1936). Windelband considerava que existiam dois tipos de ciências. Denominou as primeiras de nomotéticas e as segundas de idiográficas" (PAIM, Antônio: *A problemática do culturalismo*, Edipucrs (2. ed), Porto Alegre, 1995. Pág. 16/17). E explica: As primeiras são Física, Química, a Biologia, etc. e as segundas, as culturais (Historiografia, Direito, etc.). Pois bem, diz Paim, toda essa discussão sobre o sentido da ciência mantêm-se "sob a influência de Kant" (PAIM, Antônio: *A problemática do culturalismo*, Edipucrs (2. ed), Porto Alegre, 1995. Pág. 16). Pode-se dizer que Karl Jaspers vive o clima deste movimento, ainda que não se encaixe exatamente na escola culturalista alemã, à qual se filiam os filósofos mencionados e outros nomes de primeira linha como Emil Lask (1875-1915), Max Scheler (1874-1928), Nicolai Hartmann (1882-1950), entre outros.

e sem confusão para análise. A clareza do problema já encaminha uma solução razoável.

Para transcender o que se sabe não se pode perder como referência que "o mundo é fenômeno, no qual não surge o Ser em si. Este transcender, que nos aparece nos limites da orientação científica no mundo em formas concretas, modificadas, é a ideia fundamental da orientação filosófica no mundo"⁶⁵. Aprender como proceder a uma orientação que nasce da ciência, reconhecer seus limites, é uma forma de exercício crítico. Ao fazê-lo, acompanhando as ponderações do filósofo prático, o cliente melhora sua capacidade de raciocinar, articula melhor os conceitos e reconhece as fragilidades do seu raciocínio.

Deste modo fica esclarecido que o saber que a Ciência oferece é a base, mas não é suficiente como orientação para a existência. Como diz o filósofo no ensaio *Peligros y albueros de la libertad*: "o conhecimento se dirige à inteligência geral, em que todos somos idênticos, porém a exigência da liberdade se dirige a cada indivíduo"⁶⁶. Essa exigência de liberdade pede reflexão filosófica, já que a Ciência não oferece valores válidos. Contudo, não se pode avançar, hoje em dia, na investigação filosófica e no caminho metafísico de Jaspers, retratado por Paula Arizpe no artigo citado, sem o conhecimento que a Ciência oferece. O motivo é a clareza que a Ciência propicia quando nos deparamos com o funcionamento do mundo. São os resultados da Ciência que impedem que a Filosofia se perca em investigação puramente subjetiva, em metafísicas que desconsideram os resultados objetivos do funcionamento do mundo. Esse conhecimento é imprescindível para viver e pensar em nosso tempo. A Ciência nos deu um conhecimento do mundo muito maior do que se podia

⁶⁵ ARIZPE, Paula: "La verdad comunicativa como reto creativo en Karl Jaspers", en *Tópicos*, 16, México, Universidad Panamericana, 1999. Págs. 171.

⁶⁶ JASPERS, Karl: *Balance y Perspectiva; Discursos y Ensayos*, Revista de Occidente, Madrid, 1953. Pág. 220.

supor antes de seu desenvolvimento, mas não deu a orientação necessária para viver⁶⁷. Se o filósofo ajudar o cliente a seguir as intuições de Jaspers, ele aprenderá como construir razões válidas para experiências vividas e intuições pouco refletidas. Assim, com as referências da ciência, o cliente pode se posicionar melhor diante das questões da vida.

Quando não considera os resultados da Ciência moderna, o pensador fica sem conhecimento do funcionamento do mundo, o que é em nosso tempo uma falha imperdoável. Sem essa consciência terá dificuldade de análise e de entender o mecanismo do mundo.

O que a Ciência oferece é muito e necessitamos cada vez mais dela, mas ela não enfrenta o problema de seu próprio significado. Esse significado nasce dos resultados que o cientista obtém, dos impulsos e propósitos do próprio pesquisador, que como tal não têm fundamento científico. Por isso, é que a reflexão filosófica que parte dos dados da Ciência ajuda a clarear o significado da Ciência, permitindo superar dúvidas e falsas crenças que trazem dificuldade e frequentemente sofrimento à pessoas incapazes de refletir com clareza.

Este é o modo de Jaspers retomar os contributos ainda válidos do iluminismo, e o que dele se deve deixar de lado por alimentar

⁶⁷ O filósofo português Delfim Pinto dos Santos, um leitor de Jaspers, comentando os rumos de humanismo científico num ensaio com este título, afirmou que: "a Ciência não deu ao homem o ele espera, dando-lhe inesperadamente o que ele não esperava" (SANTOS, Delfim Pinto dos: "Humanismo Científico". En *Obras Completas*, Calouste Gulbenkian (2. ed.), Lisboa, 1982. Pág. 497). Parece algo próximo do que pensava Karl Jaspers se consideramos que a Ciência não ofereceu a verdade fundamental que os positivistas acreditaram que ela daria, mas ela ofereceu um saber sobre o funcionamento do mundo que não se podia imaginar possível antes do avanço das pesquisas científicas.

falsas crenças. É o raciocínio bem treinado que orienta para a vida e, sem ele, se desorganiza a estrutura existencial da pessoa.

Referências

ARENDDT, Hannah: *Homens em tempos sombrios*. Cia das Letras, São Paulo, 2010.

ARIZPE, Paula: “La verdad comunicativa como reto creativo en Karl Jaspers”, en *Tópicos*, 16, México, Universidad Panamericana, 1999. Págs. 147-161.

CARVALHO, Joaquim: *O ideal moderno da ciência*, en “Obras Completas”, v. V, Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1987. Págs. 295-314.

CARVALHO, José Mauricio de: “Os estudos de Schlick sobre a realidade; uma análise do problemas dos universais”, en *Phibra*, 1, Juiz de Fora, 1986. Págs. 33-38.

– *Filosofia e Psicologia; o pensamento fenomenológico existencial de Karl Jaspers*, Imprensa Nacional, Lisboa, 2006.

– “O século XX em El Espectador de Ortega y Gasset: a crise como desvio moral”. En *Argumentos*, 4, Fortaleza, 2010. Págs. 9-18.

– (org). *Poder e moralidade; o totalitarismo e outras experiências antiliberais na modernidade*. Annablume, São Paulo, 2012.

– “Delfim Santos e o Neopositivismo”. En *Delfim Santos Studies*, 1, Lisboa, 2013. Págs. 85-108.

CARVALHO, José Mauricio de – SILVA, Márcia Maria: “Karl Jaspers e a orientação filosófica no mundo”, en *Saberes Interdisciplinares*, 14, São João del-Rei, 2015. Págs. 39-45.

HEIMSOETH, Heinz: *A filosofia no século XX*, Saraiva, São Paulo, 1938.

JASPERS, Karl: *Balance y Perspectiva; Discursos y Ensayos*, Revista de Occidente, Madrid, 1953.

– *Filosofia*. Universidade de Porto Rico, Porto Rico, 1958.

– *Filosofia de la Existencia*, Aguillar, Madrid, 1961.

– *Psicologia de las concepciones del mundo*, Gredos, Madrid, 1967.

– *Psicopatologia Geral*, Atheneu, Rio de Janeiro, 1979.

– *Iniciação Filosófica*, Guimarães, Lisboa, 1987.

– *Introdução ao pensamento filosófico*, Cultrix (9. Ed), São Paulo, 1993.

– *O médico na era da técnica*, Edições 70, Lisboa, 1998.

– *Razão e Contra Razão em nosso tempo*, Minotauro, Lisboa, (sin fecha).

KANT, Emmanuel: *Crítica da Razão Pura*, Nova Cultura (3. ed.), São Paulo, 1987.

ORTEGA Y GASSET, José: “La rebelión de las masas”, en *Obras Completas*, v. IV, Alianza, Madrid, 1994.

– “La idea de principio en Leibniz y la evolución de la teoría deductiva”, en *Obras Completas*, v. VIII, Alianza, Madrid, 1994.

PAIM, Antônio: *A problemática do culturalismo*, Edipucrs (2. ed), Porto Alegre, 1995.

SANTOS, Delfim Pinto dos: “Humanismo Científico”, en *Obras Completas*, Calouste Gulbenkian (2. ed.), Lisboa, 1982.

SANTOS, Leonel Ribeiro dos Santos: *O espírito da letra, ensaios de hermenêutica da modernidade*, Imprensa Nacional, Lisboa, 2007.

ZILLES, Urbano: “Introdução”, en: HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a Filosofia*, Edipucrs, Porto Alegre, 1996.